**CATHERINE Nº 21301246**

**TENS MAL NA FOLHA DE CAPA**

**STRESS DE HOMENS E MULHERES NO TRATAMENTO PARA A INFERTILIDADE**

Estudo 3

Foi feito um estudo no Brasil para avaliar o stresse de homens e mulheres que procuravam tratamento para a infertilidade pela primeira vez. A investigação é feita sob estudo de corte transversal entre outubro de 2009 e março de 2010. O tamanho da amostra foi calculado em 101 homens e 101 mulheres, membros de casais inférteis, com idades entre os 21 – 51 anos.

O nível de stresse foi avaliado através do Inventário de Problemas de Fertilidade (IPF) e relacionando este com as características socioeconómicas e da infertilidade dos participantes, foi estruturado um questionário que permitisse coletar essas mesmas caraterísticas. O IPF apresenta quatro domínios: “relacionamentos sociais”, “relacionamento conjugal/sexual”, “vida sem filhos” e “maternidade/paternidade”. Foram, também, analisadas variáveis independentes, de modo a relacioná-las com os tópicos acima descritos, como: sexo, idade, estado ma­rital, união anterior, tempo de união conjugal, tempo de infertilidade, escolaridade, trabalho remunerado, renda *per capita,* prática religiosa, importância da religião para lidar com a infertilidade, tratamento para infertilidade, quem tinha dificuldade para engravidar, qualidade do relacionamento conjugal, quem sabia da dificuldade para engravidar, considerar a adoção, possuir filhos.

Analisando os dados, constatamos que homens e mulheres que consultaram pela primeira vez o serviço de tratamento da infertilidade apresentavam altos níveis de *stress* em todos os domínios analisados. Deste modo, seria desejável que estas pessoas recebessem algum apoio psicológico no início do tratamento através da avaliação psicológica, tendo como objetivo identificar de forma preventiva quais as pessoas que apresentariam problemas a nível emocional, também se devia realizar a avaliação psicológica após cada intervenção médica para propiciar condições de valorização de cada experiência vivida.

Os homens e as mulheres percebem e vivenciam a infertilidade de forma diferente, isto é, as mulheres têm mais dificuldades em lidar com a infertilidade do que os homens, apresentando níveis mais elevados de *stress* em três dos quatro domí­nios avaliados. As mulheres que constituem casais inférteis são mais afe­tadas emocionalmente nas suas relações sociais do que os homens. Esta maior vulnerabilidade da mulher pode estar relacionada com o facto de que, para ela, é mais difícil a ausência de filhos do que para o homem, principalmente em eventos sociais. As mulheres também apresentaram níveis mais elevados de *stress* do que os homens nos domínios “maternidade/paternidade” e “vida sem filhos”, devido ao facto de serem incentivadas a tornarem-se mães desde a infância.

Pelo contrário, para os homens a paternidade é um projeto que tende a ser cons­truído somente após um relacionamento conjugal estável, na idade adulta. No domínio “relacionamento conjugal/sexual”, os homens apresentaram níveis mais elevados de *stress* do que as mulheres uma vez que, para os homens uma relação conjugal/sexual estável e a paternidade são consideradas essenciais para legitimar a sua masculinidade e, a impossibilidade de procriar pode influenciar a satis­fação sexual.

As diferenças entre homens e mulheres que vivenciam uma experiência de *stress* no tratamento salientam a relevância das relações de género para a abordagem das questões relativas à infertilidade, indicando a necessida­de de intervenções diferentes para homens e mulheres.

Para as mulheres, o apoio emocional deve incidir nos aspetos das relações sociais, da maternidade e sobre a vida sem filhos.

Para os homens, as principais questões a serem abordadas devem estar relacionadas às relações sexuais e conjugais.